

A complexidade *do e sobre* o trabalho com o lixo

SUELI MARIA CABRAL*

MAGALE KONRATH**

Resumo: Este ensaio tem como objetivo apresentar uma possível compreensão acerca da tríade homem-lixo-trabalho sob a perspectiva da complexidade que Edgar Morin denomina como princípios de diretrizes da complexidade. Fundamentada em uma abordagem teórica reflexiva, com a contribuição dos autores Georges Balandier e Michel Maffesoli, buscou traçar um paralelo entre o pensamento complexo, as questões sobre o processo da limpeza urbana e os trabalhadores envolvidos. Acredita-se que os princípios dialógico, recursivo e holográfico desvelam a percepção da tríade homem-lixo-trabalho como um fenômeno social vivenciado em uma realidade não apenas objetiva, mas simbólica, que sofre alterações constantes, na qual o todo é uma unidade complexa e não se reduz à soma das partes. A forma de lidar com a problemática do lixo urbano e com os sujeitos diretamente envolvidos, ainda está muito aquém do necessário, dada a intolerância que contagia e se amplia, criando formas de ordem a partir dessas *figuras de desordem*.

Palavras-chave: diretrizes da complexidade; trabalhadores; lixo urbano

The complexity of, and about, working with waste

Abstract: This essay aims to introduce a possible comprehension about the "man-waste-work" triad under the perspective of the complexity Edgar Morin names as the directing principles of complexity. Grounded on a theoretic-reflexive approach and using the authors Balandier and Maffesoli as reference, this essay seeks to draw a parallel between complex thought, the matters of the process of urban cleaning, and the workers involved in it. It is believed that the dialogical, recursive and holographic principles unveil the perception of the "man-waste-work" triad as a social phenomenon that lives in not only an objective reality, but a symbolic one that changes constantly, in which the whole is a complex unit and cannot merely be reduced to the sum of its parts. Dealing with the problematics of urban waste and the subjects directly involved with it must be improved, as it does not reach the necessary basics, given the spreading and increasing intolerance that creates shapes of order from these figures of disorder.

Key words: complexity guidelines; workers; urban garbage



* SUELI MARIA CABRAL é Professora Adjunta da área de Ciências Sociais. Pesquisadora. Coordenadora de Projetos de Extensão Universitária.



** MAGALE KONRATH é professora da Universidade Feevale.

1. Introdução

A atividade dos sujeitos que trabalham com o lixo (resíduos sólidos) em nossa sociedade é bastante estigmatizado. Historicamente essa atividade é realizada, na maioria das vezes, a partir de relações trabalhistas informais, sem registro oficial, o que impede acesso a direitos trabalhistas garantidos em leis. A prática de lidar com o lixo sempre esteve de alguma forma ligada aos considerados socialmente inferiores, apresentando-se assim como uma forte manifestação da desordem da contemporaneidade. Portanto, acredita-se que o mapeamento do contexto se torna mais claro quando nos aproximamos da tese de Balandier (1997a, p. 103) de que “a desordem e o caos não estão somente situados, estão exemplificados: à topologia imaginária, simbólica, associa-se um conjunto de figuras que manifestam sua ação dentro do próprio espaço policiado”. Tal aproximação permite a percepção de que a presença da desordem se faz sob formas de figuras, figuras ordinárias da ação humana e do meio ambiente.

Nessa perspectiva, não só o lixo, mas os sujeitos surgem como *figuras de desordem*. Figuras que são banalizadas e repletas de ambivalência por aquilo que delas é dito e o que elas designam, “sendo objeto de desconfiança e medo em razão de sua diferença e de seus status inferior, causa de suspeita e geralmente vítima de acusação” (Georges Balandier, 1997a, p. 103, grifo nosso). Estas figuras, como agentes de desordem, trazem um conjunto de outras figuras como a violência, a doença e o próprio fenômeno da catação, que exemplifica a desordem da ordem contemporânea.

O objetivo deste ensaio é apresentar uma possível compreensão acerca do que podemos chamar de tríade *homem-lixo-trabalho* sob a perspectiva da

complexidade, a partir do que Edgar Morin denomina como *princípios diretrizes da complexidade*: princípio dialógico; princípio da recursão organizacional princípio hologramático.

2. Sobre a Teoria da Complexidade

A teoria da complexidade constitui uma corrente teórica inovadora, baseada em um modelo integrador e multifacetado: o pensamento complexo rejeita a linearidade, nega os resultados mutiladores. Um dos seus principais representantes é Edgar Morin (1982, 1990) e para ele a compreensão da teoria da complexidade parte da ideia do paradoxo do uno e do múltiplo, da ambiguidade e da incerteza. Como o próprio Morin (1982) afirma, não há como chegar à complexidade através de uma definição única ou prévia, existem complexidades e seus desafios conduzem ao que o autor denomina de “avenidas que conduzem ao desafio da complexidade” (p. 138).

A *primeira avenida*, segundo Morin (1982), é a da *irreducibilidade do acaso e da desordem*. É necessário considerar que, inicialmente, a desordem e o acaso surgem no universo das ciências físicas com a irrupção do calor, a *agitação-colisão-dispersão* dos átomos ou moléculas; posteriormente, das invasões das indeterminações microfísicas e, por fim, da explosão originária. Assim, por um lado, constata-se que a desordem e o acaso estão presentes no universo e ativos em sua evolução e, por outro lado, não se pode resolver a incerteza que as noções de desordem e de acaso trazem, porque o próprio acaso não está certo de ser acaso.

A *segunda avenida* é a da *transgressão*. Tal transgressão está relacionada ao que o autor denomina como os limites de abstração universalista, que elimina a singularidade, a localidade e a

temporalidade, ou seja, não hierarquiza o tempo e o espaço e a singularidade e não dá supremacia a noções universalizantes, uma vez que “já não podemos expulsar o singular e o local a favor do universal: devemos, pelo contrário, uni-los” (MORIN, 1982, p. 140).

A *terceira* é a da *complicação*. Existe uma infinidade de possibilidades de interações e inter-retroações *no e entre* os fenômenos biológicos e sociais. Como não funcionam isoladamente, existe uma grandeza de variáveis e uma conjunção de fatores que não podem ser previstos.

A *quarta avenida* é a *relação complementar entre as noções de ordem-desordem-organização*. Essa avenida vincula-se à ideia de que existe uma relação entre a ordem, a desordem e a organização e, contrariando o princípio de que a ordem natural obedecia a leis naturais, princípio da “*order from order*”, surge o princípio da “*order from noise*”.

Para Morin (1990), em função do acaso, a ordem desintegra-se, desordenando seu estado original. É a partir dessa desordem que o processo de transformação ocorre e o sistema organiza-se. Trata-se de uma cooperação do paradoxo ordem-desordem em que a organização ocorre: “a desordem e a ordem crescem uma e outra no seio de uma organização que se complexificou” (p. 92).

A *quinta avenida* é a da *organização*. Trata-se de uma unidade complexa, ligando, de forma inter-relacional, elementos ou acontecimentos ou sujeitos diversos que, a partir daí, se tornam componentes de um todo. Dessa forma, garante uma solidez e uma solidariedade que, apesar das perturbações aleatórias, “transforma, produz, liga e mantém” (Morin, 1982, p. 101).

A *sexta avenida* é o *holograma ou hologramático*. O holograma é uma imagem física cujos inúmeros pontos incluem quase toda a informação do conjunto que ele representa e baseia-se na ideia de que não só a parte está no todo, mas também que o todo está na parte, seja em um nível biológico, seja em um nível social. Trata-se de uma apreensão dos fenômenos do mundo a partir de uma perspectiva circular e não mais linear. Morin (1982) alerta, contudo, que, ao tentar compreender o mundo a partir da perspectiva hologramática, é necessário que o princípio da organização recursiva seja incluído.

Assim, a organização recursiva é um processo em constante movimento, circular e interrupto, no qual, de algum modo, os produtos são necessários à produção daquilo que os produz. No caso dos sujeitos, eles estão em uma sociedade que é constituída pelas interações entre coisas e pessoas. Tais interações produzem um todo organizador, que retroatua sobre os sujeitos para co-produzi-los em sua qualidade de humanos, ou seja, não existem fronteiras nítidas dos conceitos de produtor.

A *sétima avenida* é *crise de conceitos fechados e claros*. Trata-se da ruptura da clareza e das distinções das ideias presentes no pensamento cartesiano. É uma crise das demarcações absolutas, em especial, da demarcação entre ciência e não ciência, do objeto, sobretudo o ser vivo, e do meio ambiente, com duas autonomias e dependências, um processo ambíguo e confuso.

A *oitava avenida da complexidade* é o *retorno do observador à sua observação*. A ciência clássica e cartesiana estabeleceu uma separação entre *observador-conceptor* e o objeto concebido, contudo, o que a

complexidade reivindica é a integração do *observador-conceptor* em sua observação e em sua concepção, uma vez que, a partir da visão hologramática, o pesquisador está na sociedade assim como esta está nele, *ele é possuído pela cultura que possui*.

Em síntese, o desafio da complexidade situa-se justamente na proposição de que a complicação, a desordem, a contradição, a dificuldade lógica, os problemas da organização e até a forma de estudar e perceber o mundo físico e social formam um tecido do que o autor denominou de tecido da complexidade, sendo que *complexo* é

[...] o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram (MORIN, 1982, p. 147).

A complexidade não oferece uma metodologia, no máximo um método, que pede que se entendam os conceitos sob uma perspectiva de esferas abertas e em constantes movimentos. Nesse sentido, nenhum conceito está concluído. Um método que busca unir o que foi separado em uma visão multidimensional é, portanto, uma estratégia que se estrutura em uma constante união de conceitos que lutam entre si.

Dessa forma, a complexidade contribui para dar certa inteligibilidade ao foco do presente artigo. Contudo, para que esta colaboração se torne ainda mais evidente, são apresentados alguns importantes elementos, o que podemos chamar de tríade *homem-lixo-trabalho* a partir do que o autor denomina como *princípios diretrizes da complexidade*

- *Princípio dialógico*: o que permite manter a dualidade no seio da unidade, associando dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos.
- *Princípio da recursão organizacional*: a ideia ou ação é produto e produtor, os efeitos são concomitantes, causa e produtores daquilo que se produz e se vivencia, afasta-se, dessa forma, da relação linear de causa → efeito para o esquema causa ⇌ efeito.
- *Princípio holográfico ou hologramático*: capacidade aparentemente paradoxal que os sistemas têm de não só as partes estarem no todo, mas também do todo estar simultaneamente nas partes, como as células que fazem parte de um todo (organismo), mas, mesmo assim, trazem em seu interior as informações do todo.

O pensamento complexo é o filtro teórico que contribuiu para trazer uma percepção diferenciada da tríade *homem-lixo-trabalho* que não pode ser explicada facilmente por uma lógica linear que tende a dissecar e fragmentar um fenômeno. A realidade aqui estudada é complexa no sentido de ser uma teia viva de interações na qual os nós imbricam-se sistemicamente. Neste sentido, com o objetivo de transcender uma visão simplificada sobre o tema, utiliza-se o aporte teórico dos princípios citados: dialógico, recursão organizacional e hologramático.

3. O princípio dialógico da tríade homem-lixo-trabalho: a ordem e a desordem

Pensar dialogicamente é antes compreender que a realidade se constitui e se modifica sob a lógica de forças contrárias. De acordo com Morin (1990, p. 107),

a ordem e a desordem são dois inimigos: uma suprime a outra, mas ao mesmo tempo, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade. O princípio dialógico permite-nos manter a dualidade no seio da unidade. Associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos.

O princípio dialógico, portanto, possibilita a religação de diferentes saberes, construindo relações das partes com o todo, oportunizando uma compreensão mais significativa do todo que, nessa perspectiva, é muito mais que a soma das partes.

A compreensão da tríade *homem-lixo-trabalho* parte inicialmente da perspectiva de que ordem e desordem estão juntas, imbricadas de forma indecifráveis. Ligadas, forjam um tecido de constituição heterogênea, inseparavelmente associadas; tecem acontecimentos, ações, interações e retroações que constituem o mundo social, promovendo a inquietação, a confusão e o inextricável. Sem dúvida, nasce daí a necessidade de pôr ordem nos fenômenos, de rejeitar a desordem, de afastar o incerto, buscando os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambiguidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar, determinando papéis e modelos de comportamento.

Mesmo inseparáveis, a ordem aparece com um desígnio do certo, do correto, do seguro e do benevolente, apresentando ter todas as vantagens, incluindo a da

cumplicidade das consciências. No subterrâneo, contudo, a desordem atua, o movimento transforma, gerando constantemente novas maneiras de ser e de estar no mundo, criando campos alternativos de experimentação e de conhecimento.

Maffesoli (1985, p. 30) afirma que

a desordem que não mais culpabiliza, mas que pode ser integrada numa dinâmica; a aceitação de um aleatório, de par com a falência do imperativo da produção; o rito cotidiano que costuma haurir sua intensidade em sua efetuação efêmera - eis alguns dos rumos que parece tomar o movimento civilizacional.

A ideia da ordem vincula-se ao da desordem, como a da morte com a vida, o belo ao feio e o limpo ao sujo. Ao colocar longe dos olhares de uma sociedade asséptica e hierarquizada, o lixo foi necessariamente aproximado de pessoas com diversas denominações – lixeiros, moradores de favela, pobres – que, com frequência, alertam para o culto à limpeza.

Nos últimos anos, a questão da produção e do armazenamento de resíduos sólidos passou a ter significativa importância, muito em razão da Lei n. 12.305/2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos e que delega a responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos: dos fabricantes, dos importadores, dos distribuidores, dos comerciantes, do cidadão e dos titulares de serviços de manejo dos resíduos sólidos urbanos na Logística Reversa dos resíduos e embalagens pós-consumo. No parágrafo 10, a Lei incumbe ao Distrito Federal e aos Municípios a gestão integrada dos resíduos sólidos gerados nos respectivos territórios, sem prejuízo das competências de controle e fiscalização dos órgãos federais e

estaduais do Sisnama (Sistema Nacional do Meio Ambiente), do SNVS (Sistema Nacional de Vigilância Sanitária) e do Suasa (Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária), bem como da responsabilidade do gerador pelo gerenciamento de resíduos, consoante o estabelecido nesta Lei (BRASIL, 2010).

Essas novas disposições fizeram emergir antigas discussões sobre o destino final dos resíduos e deram visibilidade a um grupo de pessoas que diariamente se relaciona diretamente com o que a sociedade descarta. São sujeitos que andam pela cidade à procura de resíduos ou que trabalham em lixões, associações ou cooperativas, coletando, separando, classificando e comercializando resíduos. Em qualquer dessas situações, todos mantêm uma estreita relação com o lixo, o que culmina na constituição de uma sociedade e isto *de ser e de se estar* dentro dessa sociedade. Trata-se de um fato embrutecido, mas que requer um olhar que “respeita as coisas pelo que são e que tenta apreender qual pode ser a sua lógica interna” (MAFFESOLI, 1996, p. 10).

Historicamente, as preocupações higienistas sempre ocorreram pela ótica de uma ordem nefasta para a maioria da população e para o meio ambiente, ou seja, no sentido de afastar-se do que não se deseja mais, da decomposição e do apodrecimento dos espaços elitizados. O lixo (e tudo o que ele traz consigo) sempre esteve muito mais próximo dos sujeitos, na maioria das vezes, *desnecessários economicamente, incômodos politicamente e perigosos socialmente*.

Assim, a ordem, com seu projeto inacabado do processo higienizador das cidades, gesta, em seu interior, um movimento de práticas transgressoras. Isto permite que a tríade *homem-lixo-trabalho* seja também desvelada como

uma manifestação da desordem da ordem moderna, embora seja uma espécie de manifestação natural. Por mais consciente que uma sociedade seja, continuará sempre a produzir resíduos, uma vez que é um subproduto do conjunto de atividades desenvolvidas em seu interior (CABRAL, 2001).

A suposta harmonia da ordem é quebrada pelo acaso, pela necessidade e pelo aleatório, tanto pelos objetivos que irão recolher (resíduos/lixo), quanto pelo que irão *deixar-receber* – do intercâmbio de ideias, das emoções e até de objetos, evidenciando um princípio de agitação, de dispersão, de degradação, ou seja, de desordem.

4. Princípio da recursão organizacional: representações do e sobre o lixo

O lixo, na mitologia greco-romana, não está relacionado a dejetos ou resíduos sólidos: refere-se a um dos filhos de Egitó, casado com Cleodora, filha de Danao, e por ela assassinado na noite de núpcias. Já etimologicamente a palavra lixo,

[...] embora controversa, remete sempre à língua latina. Para alguns filósofos deriva de *lix* que em latim tem o significado de cinza ou lixívia. Contudo, outros estudiosos entendem que a palavra provém do latim medieval já decadente, onde o verbo *lixare* indicava o ato de polir, desbastar, tomando em português a conotação de sujeito, restos ou o supérfluo que é removido ou arrancado (ROCHA, 1992, p. 15).

Resíduos sólidos, dejetos e resíduos orgânicos sempre foram considerados imundícies e as práticas de recolher e dar destino ao lixo e aos dejetos é um esforço civilizatório da humanidade. Contudo, a constante dualidade de afastamento e proximidade – a utilização dos dejetos e do lixo orgânico produzidos nas cidades

já acontecia na Antiguidade, na agricultura – acaba por conferir ao lixo uma condição de causa e efeito, produto e produtor, não só em uma dimensão material, mas simbólica de vida e de morte.

Para Eigenheer (2009, p. 17),

[...] na mitologia grega, já encontramos a expressão dessa dicotomia: as fezes acumuladas nas estrebarias do rei Augias são um problema a ser resolvido pelo lendário Hércules. A solução passa por transferir o material indesejado para um espaço adequado. O trabalho de Hércules consiste em desviar um curso d'água para dentro dos estábulos, removendo o estrume para os campos que são, assim, fertilizados para a agricultura. Daí ser Hércules o patrono da limpeza urbana na antiga Grécia. [...] As dificuldades para se tratar do tema decorrem provavelmente do fato de ele apontar para a finitude de nossas produções e de nossa própria vida, o ciclo natural de vida e morte. Afinal, o medo e a incerteza quanto ao desconhecido podem ter levado o ser humano, já em tempos imemoriais, a olhar os dejetos e o lixo com insegurança, como sinais de precariedade. Fezes, restos de comida, cadáveres podem ser ameaças não só visuais e olfativas.

Esse autor ainda afirma que são diversos os fatores que influenciam a forma como o lixo é produzido e tratado, como: a posição geográfica, o clima, a disponibilidade de água, o tipo de solo, o modo de produção, a distribuição de riquezas, a religião e a concepção de vida e morte.

Na Idade Média, a limpeza urbana era quase inexistente. O lixo doméstico e os excrementos eram frequentemente arremetidos nas ruas pelas janelas. As ruas eram um espaço propício para a proliferação de doenças,

o que contribuiu com o surto de peste negra.

É na passagem da Idade Média para a Moderna que se verificam algumas mudanças. Nesse período há a ascensão do olfato como um sentido importante e não de segunda linha. Em função disso, a intolerância ao 'mau cheiro' tornou-se maior, o que gerou mudanças nos comportamentos no que se refere aos lixos e excrementos. Assim, desodorizar tornou-se regra.

Ressalta-se, contudo, que a teoria microbiana das doenças foi decisiva para a questão da limpeza urbana, refutando a secular concepção miasmática, surgida na segunda metade do século XIX. Tal teoria traz uma mudança diferente de saúde pública e é a partir dela que se inicia a preocupação mais focalizada na qualidade da água e se estabelece a necessidade de se separar esgoto de resíduos sólidos (EIGENHEER, 2009).

No Brasil, a limpeza urbana foi um tema que esteve sempre renegado a uma categoria de menor importância. Além disso, há de se destacar que, não tendo até recentemente uma política nacional de resíduos sólidos, essa questão desenvolveu-se de forma muito díspar e sem que se possa estabelecer comparações regionais.

É possível perceber que a preocupação com a limpeza das cidades, em especial do Rio de Janeiro e São Paulo, concentrava-se nos espaços públicos e em momentos de festejos. Com as epidemias, o lixo tornou-se foco de inquietação das autoridades e percebeu-se que ele era um perigo para a ordem pública e para a saúde. Não só o lixo, mas também as atividades a ele relacionadas, em especial, as pessoas que dele sobreviviam, passaram a ser classificadas como perigosas. Em São Paulo, no século XIX, as epidemias

acabaram por trazer algumas medidas para sanear a cidade, e destacam-se: a coleta do lixo, a construção dos cemitérios e o alinhamento das ruas e das casas (MIZZARA, 2008).

O Rio Grande do Sul não possui uma trajetória muito diferente da do restante do país. Porto Alegre passou – em meados do século XVII, por razões específicas originadas pelo cólera¹, a normatizar as condutas de higiene pública que fomentavam uma mudança de hábitos da população, a partir, principalmente, *da proibição*: proibição de despejo de materiais fecais nas praias, proibição do abastecimento de água direto no Lago Guaíba e os próprios despejos em pátios e em frente aos acessos das casas. No combate ao cólera, tornava-se igualmente necessária a limpeza das ruas da cidade, bem como a proibição de despejos de matérias fecais nas praias e a implantação da rede de esgotos cloacais. A solução encontrada para os despejos fecais foram os cubos, também chamados de cabungos², substituídos semanalmente nas casas (CABRAL, 2001).

Na região metropolitana de Porto Alegre, cubeiros ou cabungos também eram figuras constantes no cenário urbano. Essa atividade era realizada por homens e mulheres pobres, estigmatizados por uma sociedade que já esboçava uma assepsia que hierarquizava e classificava os sujeitos. Em especial, os cabungos utilizavam o Rio dos Sinos e os arroios da região para os despejos dos excrementos e dos lixos coletados. Após os cubos serem limpos com creolina, todo trajeto de volta era feito. Em

algumas localidades, os cubeiros ou cabungos eram denominados como *tigre*, pois os excrementos escorriam em seus corpos deixando neles listas desenhadas por fezes. A presença desses limpadores urbanos perdurou até o início dos anos 60 do século XX.

Sob o escudo da *ordem e do progresso*, o padrão de crescimento adotado no Brasil, no século XX proporcionou tanto uma sofisticação e um aumento nos padrões de consumo, como uma ampliação desordenada da população das cidades, acarretando uma diminuição da qualidade de vida e a degradação do meio ambiente (CABRAL, 2001). Podem-se citar como exemplos, o acúmulo de lixo, os esgotos não tratados, a ‘morte’ dos rios e açudes, o congestionamento frequente no trânsito, a poluição sonora e visual, as elevações nos índices de temperatura, etc.

Os riscos associados aos resíduos permaneceram, durante muitas décadas, como questão de higiene pública e, portanto, limitados à área da saúde. Somente a partir da década de 70, o lixo começou a ser considerado uma questão não apenas ambiental, mas social. A preservação do meio ambiente foi assumindo caráter global, com as conferências de Estocolmo em 1972, a ECO 92 e a Rio+20. Assim, no final século XX e início deste século XXI, viveu-se uma crescente preocupação com a preservação dos recursos naturais e com a questão da saúde pública, em especial nos últimos anos.

Não obstante, fica claro que a carga simbólica e material que o lixo constrói e acarreta não será destituída com a lei.

transtorno causado às famílias que os utilizavam, na ausência de um sistema de esgoto cloacal em Porto Alegre” (COSTA, 1983, p.13). Os serviços dos cabungos foram utilizados até os anos 50 do século XX, não apenas em Porto Alegre, mas igualmente na região metropolitana.

¹ Houve um surto da doença que se espalhou por grande parte da população na época.

² “Os cabungos ou cubos eram recipientes de madeira que continham matéria fecal, sendo substituídos semanalmente, casa a casa. Descritos, mais tarde, como um constante

Como se referiu anteriormente, a dualidade é intrínseca à sua existência, considerando a própria perspectiva da teoria da complexidade, pois o lixo não pode ser analisado de forma linear. Ao impor seu movimento no tempo presente, no aqui e agora, desencadeia mudanças sociais, acabando por tornar-se um elemento regulador, *de rotina*, presente paradoxalmente em um movimento que não se pode reger – o da desordem. Ou seja, por um lado, instituem-no como dejetos, excremento, doença, por outro podem reconhecê-lo como elemento de mudança e desenvolvimento social. Portanto, o lixo e os sujeitos que com ele trabalham, constituem-se figuras semiológicas de desordem inscritas em um sistema de signos e vigiadas por controles tanto simbólicos quanto materiais.

Nesse sentido, as representações *do e sobre* o lixo estão intimamente atreladas ao fenômeno de *sua catação, ou coleta, e ao próprio catador*. Uma prática tão antiga quanto presente, que sempre esteve associada a sujeitos pobres, geralmente homens e mulheres do povo, circunscritos nos centros urbanos. Ao desodorizarem os espaços públicos e privados, fomentavam o estigma marcado “pela sujeira que os cerca e que neles penetra, por sua existência em contato com imundícies, que não têm tempo, nem meios para afastar de si” (CORBIN, 1987, p. 192).

5. Princípio hologramático: as figuras de desordem

Acredita-se que o terceiro princípio que contribui para a compreensão *nuclear* sobre a tríade *homem-lixo-trabalho* reside na ideia de que cada parte contém praticamente a totalidade da informação do objeto/fenômeno representado, o que possibilita uma tradução mais crítica da realidade, e perceber o mundo a partir de uma hipercomplexidade do real. Essa

hipercomplexidade permite articular os fenômenos a partir de suas ressonâncias, exigindo abandonar certezas e passar a considerar os paradoxos das incertezas, destruindo o ideal de verdade e neutralidade, assim como a busca de uma objetividade absoluta.

O princípio hologramático permite ligar as coisas que parecem separadas umas em relação às outras, permite perceber que, ao estarmos em uma realidade multidimensional, simultaneamente econômica, psicológica, mitológica, sociológica e simbólica, acabamos por produzir a sociedade que nos produz. Somos não só uma pequena parte de um todo, o todo social, mas igualmente este está presente em cada relação que estabelecemos.

Balandier (1997a; 1997b) considerava que existem ‘figuras de desordem’ que materializam o diferente, o singular, o desajuste e exemplifica como figura os estrangeiros, a doença e a mulher. Amplia-se a categorização de figuras de desordem do autor para os sujeitos que trabalham com o lixo diariamente.

Figuras ordinárias, no sentido de que se encontram banalmente presentes dentro da sociedade, mas em situação de ambivalência por aquilo que é dito delas e aquilo que elas designam. Complementar e subordinadamente, elas são o outro objeto de desconfiança e de medo em razão de sua diferença e de seu status inferior, causa de suspeita e geralmente vítima de acusação (BALANDIER, 1997a, p. 103).

Quando o recurso à explicação da atualidade se dá pela relação dialógica da desordem, a ideia de *figuras* permite uma explicação a partir de uma lógica constitutiva das mitologias contemporâneas, do imaginário que está em associação constante com todos os elementos do cotidiano. É por meio

dessa capacidade que as *figuras* se tornam reveladoras da atualidade e pertinentes a uma exploração interpretativa de caráter socioantropológico.

Assim, os sujeitos, enquanto figura *de desordem* na perspectiva hologramática – vinculada às lógicas recursiva e dialógica – revelam a presença de uma vivência que introduz ou constrói um princípio de ordem e de sentido. Trata-se de um *estar vivo* que postula, de forma inteligível, habilidades não apenas de se situar no mundo, mas de criar/desenvolver sociabilizações efetivas, uma vivência que se encontra em um espaço em que não é possível pensá-la sem repelir o reducionismo. Ela existe a partir (não somente) das representações *do e sobre* o lixo, em um processo que vai além do trabalho diário. Trata-se de um elemento da rotina do *mundo da vida*, que se expressa sob a forma de um declive, presente nas relações sociais, produzindo uma multiplicidade de arranjos coletivos e sociais.

A tríade *homem-lixo-trabalho* permite uma reflexão não apenas do que se apresenta de concreto, objetivo, mas igualmente das percepções e representações que sobre ela circundam: representações dominantes de moral, do medo, da insegurança, do certo, do errado, de paz e de guerra. Representações estas que acabam por transformar o acontecer cotidiano em uma instância de alianças “entre o bem e o mal, da conformidade e do nefasto, da ordem e da desordem” (BALANDIER, 1997a, p. 102).

Historicamente essa atividade é realizada a partir de relações trabalhistas informais, sem registro oficial, o que impede acesso a direitos trabalhistas garantidos em leis. Há de se destacar que a prática de lidar com o lixo sempre

esteve de alguma forma ligada aos considerados socialmente inferiores. Segundo Alain Corbin (1987, p. 123-4),

os reformadores projetam evacuar, ao mesmo tempo que o lixo, o vagabundo, os fedores da imundície e da infecção social [...]. Os forçados ‘arrastam todas as manhãs, pelas ruas (...), grandes carroças de quatro rodas por um timão ao qual se acham acorrentados; correntes mais longas e mais leves mantêm ligadas às mesmas carroças mulheres condenadas pela justiça [...] uma metade dessas mulheres varre as ruas, enquanto a outra metade enche a carroça com as imundícies’.

Nesse sentido, pobres, velhos, mendigos, homossexuais, judeus e doentes tornaram-se responsáveis pela desodorização dos espaços públicos (remoção de lixo, dejetos e cadáveres), os quais eram estigmatizados e, portanto, constituídos socialmente por representações sociais que os igualavam ao lixo, ao fodor, como indicativo da origem do sujeito, seu lócus de pertencimento e de permanência, o que o associava à repulsa, ao medo de infecção e à própria intolerância.

Essa proximidade do catador com o lixo cria uma aparente atmosfera de pena. Eigenheer (2003) observa que, para grande parte das pessoas, o que existe é o sentido de repulsa, “a putrefação da matéria orgânica no entorno, a sujeira das roupas e o mau aspecto das pessoas que ali trabalham é que parecem ser insuportáveis” (p. 157). Como seres sociais, compactuamos um conjunto de normas e valores, inclusive sobre higiene e sobre lixo. Aprendemos que a ordem é a limpeza, *um efeito colateral da construção da ordem* (BAUMAN, 2005b). Uma desordem que *lixeriza os corpos*, se inscreve nos corpos daqueles pelo qual estão submetidos, atribuindo-lhes uma quantidade de características

que não estão ligadas ao que são, mas, como são percebidos por um conjunto de atributos culturais

Na procura de compreender os sentidos e saberes materializados nas relações realizadas pela tríade homem-lixo-trabalho, presente numa realidade contida num determinado tempo e espaço, é importante perceber que o embate é multicultural e cria campos alternativos de experimentação e de conhecimento. Isto se dá pelas figuras de desordem que realiza um confronto constante de forças desorganizadoras (entropia) e organizadoras (neguentropia), que gestam o diálogo e a transformação entre as partes (as subjetividades) e o todo (a sociedade). Esta dinâmica vivenciada e absorvida pelos personagens envolvidos, tanto facilita o reconhecimento e a valorização de singularidades, quanto possibilita novas atitudes diante do processo de exclusão, não apenas econômica, mas social e cultural, pelo qual comumente são submetidos.

6. Considerações finais

Acredita-se que esses três princípios – *dialógico, recursivo e holográfico* – permitem perceber a tríade *homem-lixo-trabalho* como um fenômeno social vivenciado em uma realidade não apenas objetiva, mas simbólica, que sofre alterações constantes. É necessário compreendê-la a partir de uma dinâmica que influencia e é influenciada pelas interações sociais existentes, pois ela vem gerando uma sociabilidade que, balizada por um *estar-junto*, confere sentidos às coisas e às pessoas, agregando um modo de ser (*ethos*), particular, momentâneo e significativo.

Ou seja, em síntese 1. Princípio dialógico é que garante sobrevivência e ao mesmo tempo a reprodução para a continuidade entre a ordem e a desordem; 2. Princípio

de recursão organizacional no qual o sistema aberto permite que produtor e produto sejam um só (limpeza e lixo); 3. Princípio holográfico no qual a mais infinitesimal parte contém todos os elementos do todo (homem, lixo e trabalho).

Ressalta-se, portanto, que a forma de lidar com a problemática do lixo urbano e com os sujeitos que estão diretamente envolvidos com ele – em especial os catadores de material reciclável e ‘carrinheiros’ – ainda está muito aquém do necessário. A acentuação da repulsa diante do odor, do pobre, do velho, do proletário e do catador é confessada sem rodeios pela sociedade em geral, retrato da intolerância que contagia e se amplia, criando formas de ordem a partir dessas *figuras de desordem*.

Referências

- BALANDIER, Georges. **A Desordem**: elogio ao movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.
- BALANDIER, Georges. **O Contorno**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BRASIL. Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010**. Regulamenta a Lei no 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/12305.htm. Acesso em: 18 jan.2020.
- CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do lixo** o relato de uma pedagogia da desordem. 2001. Dissertação [Mestrado em Educação] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2043>. Acesso em: 2 de dezembro de 2019.

CORBIN, Alain. **Saberes e Odores**. O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

EIGENHEER, E. M. **Lixo**: A limpeza Urbana através dos tempos. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus-Elsevier, 2009. *E-book*. Disponível em http://www.lixoeducacao.uerj.br/imagens/pdf/a_historiadolixo.pdf. Acesso 03 de jan. 2020.

EIGENHEER, E. M. **Lixo, Vanitas e Morte**. Niterói: EdUFF, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes Editora, 1996.

MIZZARA, R. Por uma História do Lixo. São Paulo: **Revista de Gestão Integrada em Saúde**

do Trabalho e Meio Ambiente v.3, n.1, p. 1-17, jan./abril. 2008. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-6-2008-6.pdf>. Acesso em 17 out. 2019.

MORRIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Lisboa: Publicações Europa América, 1982.

MORRIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990

ROCHA, Aristides Almeida. **Resíduos Sólidos e Meio Ambiente no Estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente**. Coordenadoria de Educação Ambiental. São Paulo: A Secretaria, 1993. (Série Seminários e Debates)

Recebido em 2020-05-05
Publicado em 2020-09-21